

**PELE
NEGRA,
MÁSCARAS
BRANCAS
FRANTZ
FANON**

tradução

SEBASTIÃO NASCIMENTO

com colaboração de

RAQUEL CAMARGO



11	Prefácio Fanon, existência, ausência Grada Kilomba
21	Introdução
31	1. O negro e a linguagem
57	2. A mulher de cor e o branco
79	3. O homem de cor e a branca
99	4. Sobre o suposto complexo de dependência do colonizado
125	5. A experiência vivida do negro
157	6. O negro e a psicopatologia
221	7. O negro e o reconhecimento
235	À guisa de conclusão
245	Posfácio Deivison Faustino

TEXTOS COMPLEMENTARES

- 267 Reconhecimento de Fanon [1965]
Francis Jeanson**
- 293 Introdução à edição inglesa [2017]
Paul Gilroy**
- 311 Sobre o autor**

INTRODUÇÃO

Falo de milhões de pessoas a quem artificialmente inculcaram o medo, o complexo de inferioridade, o estremecimento, a genuflexão, o desespero, a subserviência.

AIMÉ CÉSAIRE, *Discurso sobre o colonialismo*

A explosão não ocorrerá hoje. É muito cedo... ou tarde demais. Não chego armado de verdades categóricas. Minha consciência não está permeada de fulgurações precípua. No entanto, com toda a serenidade, acho que seria bom que certas coisas fossem ditas. Essas coisas, eu as direi, não as gritarei. Pois há muito o grito saiu da minha vida. E se fez tão distante... Por que escrever esta obra? Ninguém me pediu que o fizesse. Muito menos aqueles a quem ela se dirige. E então? Então respondo calmamente que existem imbecis demais neste mundo. E, tendo dito isso, compete a mim demonstrá-lo. Rumo a um novo humanismo... A compreensão entre os homens... Nossos irmãos de cor... Creio em ti, Homem... O preconceito de raça... Compreender e amar... De todo lado me acoçam e tentam impor a mim dezenas e centenas de páginas. Mas bastaria uma só linha. Uma só resposta e o problema negro seria despojado de sua gravidade. O que quer o homem? O que quer o homem negro?¹

1 No francês, o uso do termo *nègre* para se referir a negros se reveste historicamente, sobretudo em seu emprego como substantivo, de caráter pejorativo de extração colonialista e racista, a despeito dos esforços de intelectuais da Negritude para recuperar o vocábulo e promover um uso de dimensão positiva. O termo corrente sem carga depreciativa para se referir a negros é *noir*.

Por mais que me exponha ao ressentimento de meus irmãos de cor, direi que o negro não é um homem.

Existe uma zona do não ser, uma região extraordinariamente estéril e árida, uma encosta perfeitamente nua, de onde pode brotar uma aparição autêntica. Na maior parte dos casos, o negro não goza da regalia de empreender essa descida ao verdadeiro inferno.

O homem não é só possibilidade de emenda, de negação. Se de fato a consciência é um ato de transcendência, devemos estar igualmente cientes de que essa transcendência é assombrada pelo problema do amor e da compreensão. O homem é um SIM que vibra com as harmonias cósmicas. Desgarrado, disperso, confuso, condenado a ver se dissolverem uma a uma as verdades que elaborou, deve deixar de projetar no mundo uma antinomia que lhe é concomitante.

O negro é um homem negro; isto é, em decorrência de uma série de aberrações afetivas, ele se instalou no seio de um universo do qual será preciso removê-lo.

O problema tem sua importância. Não almejamos nada menos do que libertar o homem de cor de si mesmo. Seguiremos bem lentamente, pois existem dois campos: o branco e o negro.

Interpelaremos com tenacidade as duas metafísicas e veremos que são, amiúde, bastante dissolventes.

Não sentiremos nenhum pesar pelos antigos governantes, pelos antigos missionários. Para nós, quem adora os negros é tão “doente” quanto quem os execra.

No português europeu, o caráter pejorativo de “preto” se evidencia com maior nitidez, provavelmente em razão da experiência colonial recente e do componente colonialista do discurso racista do contexto. No português brasileiro, porém, essa carga pejorativa é menos evidente – se não ausente, de todo modo não dicionarizada – e, em decorrência disso, a tradução optou por não diferenciar os termos de caráter pejorativo ou identitário, preservando o uso de “negro”, quer como adjetivo, quer como substantivo, de forma relativamente homogênea, com exceções pontuais em que uma contraposição semântica específica exigia explicitação dos sentidos ou destaque entre parênteses da escolha original do autor. [N.T.]

Em sentido inverso, o negro que deseja branquear sua raça é tão infeliz quanto aquele que prega o ódio ao branco.

O negro não é de jeito nenhum mais amável que o tcheco, e na verdade o que é necessário é libertar o homem.

Este livro deveria ter sido escrito há três anos... Mas àquela altura as verdades nos incendiavam. Hoje elas podem ser ditas sem ardor. Tais verdades não precisam ser jogadas na cara dos homens. Elas não buscam gerar entusiasmo. Desconfiamos do entusiasmo.

Toda vez que se viu o entusiasmo eclodir em algum lugar, ele prenunciava o fogo, a fome e a miséria... E também o desprezo pelo homem.

O entusiasmo é por excelência a arma dos impotentes.

Aqueles que esquentam o ferro para logo o malhar. Nós gostaríamos de esquentar o lombo do homem e partir. Talvez pudéssemos obter o seguinte resultado: o Homem mantendo vivo esse fogo por autocombustão.

O Homem liberto do trampolim constituído pela resistência alheia, escavando a própria carne em busca de um sentido.

Apenas alguns dos que nos lerão serão capazes de desvendar as dificuldades que enfrentamos na redação desta obra.

Num período em que a dúvida cética se arraigou no mundo, em que, nas palavras de um bando de canalhas, já não se pode discernir o sensato do absurdo, é difícil descer a um patamar em que as categorias de sensato e absurdo ainda não são empregadas.

O negro quer ser branco. O branco se empenha em atingir uma condição humana.

Veremos ser elaborada ao longo desta obra uma tentativa de compreensão da relação negro-branco.

O branco está encerrado em sua brancura.

O negro, em sua negrura.

Tentaremos delimitar as tendências desse duplo narcisismo e as motivações às quais ele remete.

No princípio das nossas reflexões, pareceu-nos inoportuno explicitar as conclusões a serem lidas.

Foi unicamente a preocupação de pôr fim a um círculo vicioso que orientou nossos esforços.

É fato: os brancos se consideram superiores aos negros.

Mais um fato: os negros querem demonstrar aos brancos, custe o que custar, a riqueza de seu pensamento, o poderio equiparável da sua mente.

Como escapar disso?

Utilizamos há pouco o termo narcisismo. De fato, acreditamos que apenas uma interpretação psicanalítica da questão negra pode revelar as anomalias afetivas responsáveis pelo edifício complexual. Trabalhamos para uma lise completa desse universo mórbido. Consideramos que um indivíduo deve se inclinar a assumir o universalismo inerente à condição humana. E, ao dizermos isso, contemplamos sem distinção homens como Gobineau ou mulheres como Mayotte Capécia. Mas, para chegar a essa apreensão, é urgente se livrar de uma série de taras, sequelas da fase infantil.

A desgraça do homem, dizia Nietzsche, é ter sido criança.² No entanto, não teríamos como esquecer, como dá a entender Charles Odier, que o destino do neurótico está nas mãos dele.

Por mais penosa que possa nos parecer esta constatação, somos obrigados a fazê-la: para o negro, existe apenas um destino. E ele é branco.

Antes de abrir o caso, algumas coisas precisam ser ditas. A análise que realizamos é psicológica. Continua a nos parecer evidente,

2 Segundo Matthieu Renault, “ao que parece, Nietzsche nunca disse aquilo que Fanon o faz dizer. A verdadeira fonte é a obra de Simone de Beauvoir *Por uma moral da ambiguidade* [1947] (trad. Marcelo Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 35): ‘A infelicidade do homem, disse Descartes, vem do fato de que ele foi primeiramente uma criança’. Essa fórmula tampouco se encontra em Descartes; é da lavra de Beauvoir, que a repete e a especifica um pouco mais adiante: ‘A infelicidade que vem ao homem por ele ter sido uma criança reside, pois, no fato de que sua liberdade lhe foi primeiramente mascarada e de que por toda a sua vida ele conservará a nostalgia do tempo em que ignorava as exigências dela.’ (ibid., p. 39)” (apud M. Renault, “Le Genre de la race: Fanon, lecteur de Beauvoir”. *Actuel Marx*, v. 55, n. 1, 2014, p. 36). [N.T.]

contudo, que a verdadeira desalienação do negro requer um reconhecimento imediato das realidades econômicas e sociais. Se há um complexo de inferioridade, ele resulta de um duplo processo:

- econômico, em primeiro lugar;
- e, em seguida, por interiorização, ou melhor, por epidermização dessa inferioridade.

Em reação à tendência constitucionalizante do final do século XIX, Freud, por meio da psicanálise, exigiu que se levasse em conta o fator individual. Ele substituiu uma tese filogenética pela perspectiva ontogenética. Veremos que a alienação do negro não é uma questão individual. Além da filogenia e da ontogenia, existe a sociogenia. Num certo sentido, em resposta à exortação de Leconte e Damey,³ digamos que se trata, neste caso, de um socio-diagnóstico.

Qual é o prognóstico?

A sociedade, ao contrário dos processos bioquímicos, não está imune à influência humana. O homem é aquilo que faz com que a sociedade exista. O prognóstico está nas mãos daqueles que anseiam abalar as carcomidas fundações do edifício.

O negro deve travar a luta nos dois níveis: visto que eles, em termos históricos, se condicionam mutuamente, qualquer libertação unilateral será imperfeita, e o pior erro seria acreditar numa interdependência mecânica entre ambos. Além disso, os fatos resistem a uma inclinação sistemática desse tipo, como mostraremos.

A realidade, ao menos desta vez, exige compreensão total. Uma solução deve ser apresentada tanto no nível objetivo quanto no subjetivo.

E não adianta vir proclamar com ares de “caranguejo-violinista”⁴ que o que é necessário é salvar a alma.

3 Maurice Leconte e Alfred Damey, *Essai critique des nosographies psychiatriques actuelles*. Paris: Gaston Doin et Cie., 1949.

4 No original, “*crabe-c’est-ma-faute*”, numa evocação do autor ao caranguejo da espécie *Uca pugnator*, típico de manguezais e estuários das zonas costeiras atlânticas, que, no Caribe de colonização francesa, é chamado de *semafôt*, *cémafaute*

Somente haverá desalienação genuína na medida em que as coisas, no sentido mais materialista possível, tiverem voltado ao seu lugar.

É de bom-tom introduzir uma obra de psicologia com uma exposição da perspectiva metodológica adotada. Fugiremos à regra. Deixamos os métodos aos botânicos e aos matemáticos. Chega um ponto em que os métodos sofrem reabsorção.

Gostaríamos de nos situar quanto a isso. Tentaremos descobrir as diversas posições adotadas pelo negro diante da civilização branca.

O “selvagem do mato” não será contemplado aqui. É que, para ele, alguns elementos ainda carecem de importância.

Creemos que existe, em virtude da confluência entre as raças branca e negra, o acometimento em massa de um complexo psicoexistencial. Ao analisá-lo, almejamos sua destruição.

Muitos negros não se reconhecerão nas linhas que virão a seguir.

Muitos brancos tampouco.

De minha parte, porém, o fato de me sentir alheio ao mundo do esquizofrênico ou do impotente sexual em nada altera a sua realidade.

As atitudes que me proponho descrever são verdadeiras. Deparei-me com elas incontáveis vezes.

Entre os estudantes, entre os trabalhadores e entre os cafetões do Pigalle e de Marselha, identifiquei o mesmo componente de agressividade e de passividade.

Esta obra é um estudo clínico. Acredito que aqueles que nela se reconhecerem terão dado um passo adiante. Desejo sinceramente levar meu irmão, seja negro, seja branco, a sacudir da maneira mais vigorosa possível a deplorável libré urdida por séculos de incompreensão.

ou *c'est ma faute* [a culpa é minha], ou ainda de *crabe violiniste* [caranguejo-violinista], por referência ao tamanho desproporcional de uma de suas pinças em relação às outras, dando a impressão de que a move contra o peito num gesto de penitência ou realizando a flexão do violinista. No Brasil, por razões análogas, os caranguejos do gênero *Uca* também são conhecidos como chama-maré. [N.T.]

A arquitetura do presente trabalho se situa na temporalidade. Todo problema humano exige ser considerado a partir do tempo. O ideal seria que o presente sempre servisse para construir o futuro.

E esse futuro não é o do cosmos, mas sim o do meu século, do meu país, da minha existência. De modo algum devo me propor preparar o mundo que me sucederá. Pertencço irredutivelmente à minha época.

E é para ela que devo viver. O futuro deve ser uma construção constante do homem existente. Essa edificação se vincula ao presente, na medida em que o considero algo a ser superado.

Os três primeiros capítulos tratam do negro moderno. Contemplo o negro atual e tento determinar suas atitudes no mundo branco. Os dois últimos são dedicados a uma tentativa de explicação psicopatológica e filosófica do *existir* do negro.

A análise é sobretudo regressiva.

O quarto e o quinto capítulos se situam num plano fundamentalmente distinto.

No quarto capítulo, critico um trabalho⁵ que a meu ver é perigoso. O autor, Octave Mannoni, tem, de resto, consciência da ambiguidade da sua posição. Nisso talvez resida um dos méritos de seu testemunho. Ele tentou expor uma situação. Temos o direito de declarar nossa insatisfação. Temos o dever de mostrar ao autor em que nos distanciamos dele.

O quinto capítulo, que intitulei “A experiência vivida do negro”, é importante em mais de um aspecto. Ele mostra o negro confrontado à sua raça. Ficará evidente que não há nada em comum entre o negro desse capítulo e aquele que busca se deitar com a branca. Neste último se percebia o desejo de ser branco. Uma sede de vingança, em todo caso. Ali, pelo contrário, observamos os esforços desesperados de um negro que se empenha em descobrir o sentido da identidade negra. A civilização branca e a cultura europeia impuseram ao negro um desvio existencial. Mostraremos em

5 Octave Mannoni, *Psychologie de la colonisation*. Paris: Seuil, 1950.

outra parte que, com frequência, aquilo que é chamado de alma negra é uma construção do branco.

O negro evoluído, escravo do mito negro, espontâneo e cósmico, num dado momento sente que sua raça já não o compreende.

Ou que ele já não a compreende.

Ele então se congratula por isso e, ampliando essa diferença, essa incompreensão, essa desarmonia, nela encontra o sentido de sua verdadeira humanidade. Ou, mais raramente, ele quer pertencer a seu povo. E é com raiva nos lábios e vertigem no coração que mergulha no grande buraco negro. Veremos que essa atitude, tão plenamente bela, rejeita a atualidade e o futuro em nome de um passado místico.

Tendo em vista nossa origem antilhana, nossas observações e conclusões valem apenas para as Antilhas – ao menos no que se refere ao negro *em seu lar*. Um estudo deveria ser dedicado à explicação das divergências entre antilhanos e africanos. Pode ser que o façamos algum dia. Pode ser também que ele se torne desnecessário, o que só nos daria motivo de satisfação.

SOBRE O AUTOR

FRANTZ FANON nasceu em Fort-de-France, capital da então colônia francesa Martinica, em 1925. Em 1941, teve aulas no Lycée Schœlcher com o poeta e crítico da colonização europeia Aimé Césaire. Em 1944, deixou a colônia para lutar na Segunda Guerra Mundial ao lado das Forças Francesas Livres. Após a guerra, em 1946, mudou-se para Paris, onde fez cursos de biologia, física e química. Entre 1949 e 1951, estudou psiquiatria no hospital Le Vinatier, em Bron, e ingressou em medicina na Universidade de Lyon. Em 1951, estagiou no hospital Saint-Ylie, em Dole. Em 1952, participou do programa de residência em psiquiatria do Hospital de Saint-Alban sob a supervisão de François Tosquelles. Em 1953, aceitou uma oferta para coordenar o maior hospital psiquiátrico da Argélia, o Blida-Joinville, em Argel. Em 1954, com o começo da Revolução Argelina por independência da França, Fanon passou a tratar de combatentes de ambos os lados do conflito. Em 1956, demitiu-se do hospital e expôs na “Carta ao Ministro Residente” sua ruptura com a política colonial francesa. No ano seguinte foi expulso da Argélia e se mudou para a Tunísia. Passou a trabalhar como psiquiatra no Hospital de La Manouba e, posteriormente, no Hospital Geral Charles-Nicolle. No mesmo ano, juntou-se à luta por independência da Frente de Libertação Nacional (FLN). Prestou serviço médico aos revolucionários, treinou equipes médicas, palestrou e escreveu a respeito da revolução – inclusive para a revista *Les Temps Modernes*, editada por Jean-Paul Sartre. Em 1959, representou a FLN no Segundo Congresso de Escritores e Artistas Negros em Roma, incentivando o que chamou de “literatura de combate”. No mesmo ano, sofreu uma tentativa de assassinato por parte da Le Main Rouge, organização terrorista do serviço secreto francês que atuava na Argélia. Em 1960 foi diagnosticado com leucemia. No ano seguinte, escreveu *Os condenados da terra* em seis semanas e viajou a Bethesda, nos Estados Unidos, para

se tratar do câncer no Instituto Nacional de Saúde, mas faleceu dois meses depois. A pedido da FLN, foi enterrado na Argélia, que conquistou sua independência em 1962.

OBRAS SELECIONADAS

L'An v de la révolution algérienne. Paris: François Maspero, 1959.

Les Damnés de la terre. Paris: François Maspero, 1961. [Ed. bras.: *Os condenados da Terra*, trad. Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: UFJF, 2010.]

Pour la Révolution Africaine. Paris: François Maspero, 1964.

Œuvres. Paris: La Découverte, 2011.

Écrits sur l'aliénation et la liberté, Jean Khalifa e Robert J. C. Young (orgs.). Paris: La Découverte, 2015.

Alienação e liberdade: Escritos psiquiátricos, Jean Khalifa e Robert J. C. Young (orgs.), trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

Título original: *Peau noire, masques blancs*

© Editions du Seuil, 1952 e 1971

© Ubu Editora, 2020

© Francis Jeanson, 1965

© Paul Gilroy, 2017

IMAGEM P. 5 FUNDO FRANTZ FANON / IMEC

COORDENAÇÃO EDITORIAL FLORENCIA FERRARI E ISABELA SANCHES

EDIÇÃO MARIA EMÍLIA BENDER

ASSISTENTE EDITORIAL JÚLIA KNAIPP

PREPARAÇÃO CACILDA GUERRA

REVISÃO RITA DE CÁSSIA SAM, CLÁUDIA CANTARIN E ANDRÉA BRUNO

DESIGN ELAINE RAMOS

ASSISTENTE DE DESIGN LIVIA TAKEMURA

PRODUÇÃO GRÁFICA MARINA AMBRASAS

COMERCIAL LUCIANA MAZOLINI

ASSISTENTE COMERCIAL ANNA FOURNIER

GESTÃO SITE / CIRCUITO UBU BEATRIZ LOURENÇÃO

CRIAÇÃO DE CONTEÚDO / CIRCUITO UBU MARIA CHIARETTI

ASSISTENTE DE COMUNICAÇÃO JÚLIA FRANÇA

Nesta edição, respeitou-se o novo

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Este livro foi lançado por ocasião do mês da Consciência Negra na edição de novembro de 2020 do Circuito Ubu – o clube de leitura e assinatura da Ubu. Saiba mais em circuito.ubueditora.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

Fanon, Frantz [1925–1961]

Pele negra, máscaras brancas / Frantz Fanon; título original:

Peau noire, masques blancs; traduzido por Sebastião

Nascimento e colaboração de Raquel Camargo; prefácio

de Grada Kilomba; posfácio de Deivison Faustino; textos

complementares de Francis Jeanson e Paul Gilroy.

São Paulo: Ubu Editora, 2020/320 pp.

ISBN 978 65 86497 20 5

1. Psiquiatria. 2. Racismo. 3. Psicanálise. 4. Colonização.

5. Pensamento anticolonial. I. Nascimento, Sebastião.

II. Camargo, Raquel. III. Título.

2020–2487

CDD 305.8 CDU 323.14

Índice para catálogo sistemático:

1. Racismo 305.8

2. Racismo 323.14

UBU EDITORA



Largo do Arouche 161 sobreloja 2

01219 011 São Paulo SP

(11) 3331 2275

ubueditora.com.br

professor@ubueditora.com.br

  /ubueditora